
Macroeconomia: entre o debate público e a agenda dos acadêmicos

Carlos Eduardo Drumond

Universidade Estadual de Santa Cruz, Departamento de Ciências Econômicas, Ilhéus,
Bahia, Brasil.

ORCID: [0000-0002-2865-1804](https://orcid.org/0000-0002-2865-1804)

E-mail: carloseduardo.drumond@yahoo.com.br

É seguro dizer que o que se convencionou chamar de macroeconomia constitui-se como a subárea das ciências econômicas que mais desperta a atenção do grande público fora da comunidade acadêmica. Isso é especialmente verdadeiro para o Brasil, um país com um longo histórico de crises e instabilidades. Não por acaso, o debate econômico no país, desde muito tempo, tem sido liderado por macroeconomistas. Também não por acaso, macroeconomistas são, em geral, parte importante da agenda política de governos de diferentes matizes ideológicos, tentando oferecer respostas para a sociedade num ritmo compatível com o ciclo eleitoral que rege os altos e baixos da política.

Há quem diga que esse interesse público e o papel da macroeconomia na agenda dos governos são excessivos, não refletindo de maneira proporcional o que a pesquisa acadêmica de fronteira de inúmeras diferentes subáreas da ciência econômica, tem a oferecer para a sociedade. Certamente, é muito positivo que o debate econômico não acadêmico se amplie para além das fronteiras da política macroeconômica, o que, acredito, tem ocorrido paulatinamente. Ainda assim, é preciso reconhecer que essa massa heterogênea que chamamos de sociedade faz perguntas muito próximas das perguntas exploradas pela macroeconomia no passado, a saber: Como lidar com nossas crises (ciclos econômicos)? Como podemos nos tornar mais desenvolvidos?

Meus breves comentários aqui têm como propósito dialogar com as seguintes questões: i) embora os acadêmicos devam resistir à tentação de ocupar o papel de Pitonisa, acredito que a macroeconomia como linguagem ainda é um campo relevante do saber econômico que oferece uma ponte importante entre a academia e o debate público; ii) a teoria do crescimento econômico, vista durante parte do século XX como uma agenda de pesquisa

de macroeconomistas, é uma agenda transversal da ciência econômica que precisa ocupar mais espaço no debate público

Entre a urgência do noticiário do dia e a pesquisa acadêmica

A macroeconomia, enquanto campo importante do saber econômico, como é fato conhecido, é herdeira da obra de Keynes, embora já houvesse antes dele produção intelectual tratando de temas hoje vistos como macroeconômicos. Também é igualmente de conhecimento comum o senso prático de Keynes na sua atuação como figura pública. Desde então, a pesquisa macroeconômica, apesar de ter passado por inúmeros avanços e mudanças, esteve sempre muito conectada ao mundo prático dos *policy makers*. Por conta disso, parte importante das pesquisas da área ocupa uma zona cinza entre teoria e arte, o que é especialmente verdadeiro para a ciência da política monetária contemporânea. A proximidade entre a pesquisa acadêmica e a arte da política econômica é um dos elementos que torna a pesquisa em macroeconomia desafiadora.

Apesar da grande revolução dos microfundamentos e da noção comum de que as fronteiras entre macro e microeconomia estão cada vez mais tênues, a existência de uma agenda de pesquisa macroeconômica continua bastante viva. De certo modo, macroeconomistas preservam vivo um “dialeto” próprio dentro da profissão, mesmo que esse “dialeto” seja uma variação da linguagem comum da teoria microeconômica. As aplicações das teorias do equilíbrio geral nos moldes desse “dialeto” são apenas um exemplo.

O desenvolvimento do que estou chamando de “dialeto” se dá, em grande medida, ao redor de certos consensos. O principal desses consensos diz respeito ao papel das políticas macroeconômicas. Poucos economistas no *mainstream* da profissão irão discordar do fato de que (ao menos no curto prazo) o governo tem um papel estabilizador importante, podendo atenuar os efeitos do ciclo econômico sobre o bem-estar da sociedade.

Nesse ambiente, qual o desafio da área? Se por um lado a interação entre a pesquisa acadêmica e a arte da política econômica fazem com que a macroeconomia como uma linguagem sobreviva como algo relevante, por outro, o avanço da fronteira exige que exista distanciamento da pesquisa em relação ao calor do noticiário do dia. A incorporação de uma série de imperfeições aos modelos macro, como mercados incompletos e heterogeneidades, só tem sido possível por conta desse distanciamento, por exemplo. Ao mesmo tempo, é bom que o *policy maker* atue baseando-se em teoria e evidência empírica, o que geralmente não pode ser oferecido pelas pesquisas de fronteira que ainda não consolidaram consensos.

Oferecer subsídios para que a arte da política macroeconômica seja baseada em teoria e evidência empírica, ao mesmo tempo em que temas de aplicação não imediata encontrem terreno fértil na comunidade científica da área, é certamente um desafio importante para a comunidade acadêmica brasileira.

Desenvolvimento Econômico - um tema transversal

A partir da segunda metade do século XX, a teoria do crescimento se tornou uma parte essencial da agenda de pesquisa macroeconômica. É verdade que a questão central levantada pelos modelos de crescimento sempre esteve fortemente presente na comunidade intelectual das ciências sociais desde muito tempo. Por outro lado, o modelo de crescimento neoclássico se tornou um *workhorse* para análise empírica, sendo possível testar uma série de hipóteses a partir de uma especificação econométrica bastante simples. Mesmo as novas teorias do crescimento endógeno continuariam a ser parte de uma agenda de pesquisa macroeconômica, liderada na maior parte do tempo por macroeconomistas.

Uma revolução na análise empírica, ainda em curso, fez com que novamente a teoria do desenvolvimento se tornasse uma agenda transversal na ciência econômica. Obviamente, sempre existiu uma agenda de pesquisa do desenvolvimento independente da teoria do crescimento, mas, pensando no *mainstream* da profissão, esse é certamente um momento diferente para área.

O grande poder de tratamento de dados, aliado aos métodos de identificação cada vez mais refinados, tem permitido que essa “nova agenda do desenvolvimento econômico” se torne mais transversal e, em alguns casos, até um tanto interdisciplinar. Embora ainda exista espaço para a pesquisa fundamentada nos modelos *workhorse*, é cada vez mais frequente que temas não convencionais encontrem espaço na análise empírica.

Como em todo momento de mudanças, certas controvérsias acabam suscitando debate. A principal delas, nesse caso, é se a ciência econômica, e em particular a teoria do desenvolvimento, deveria se tornar um exercício essencialmente empírico, livre das amarras dos modelos teóricos. Essa tensão entre análise empírica e teoria deve se depurar ao longo dos próximos anos, garantindo que exista espaço para a formulação de teorias sem que isso signifique ignorar a maneira como os jovens pesquisadores enxergam o exercício de testar hipóteses. De todo modo, essa revolução na maneira como se estuda o desenvolvimento econômico oferece, na minha opinião, ao menos duas grandes oportunidades. Uma delas é a possibilidade de tratar de temas antes vistos como fora do corpo da pesquisa tradicional em economia ou mesmo de temas vistos como excessivamente heterodoxos para os cânones do *mainstream* da profissão. A outra oportunidade diz respeito ao papel da pesquisa econômica no debate público.

A pesquisa recente no campo do desenvolvimento econômico é, certamente, a porta de entrada de pesquisas menos ligadas ao ciclo econômico no debate público. Se é claro que a formulação de políticas de estabilização é papel do governo, é também cada vez mais óbvia a importância de sua participação na correção de falhas de mercado que atrasam ou mesmo impedem o processo de desenvolvimento de longo prazo.

Penso que este número especial seja uma iniciativa interessante no sentido de fomentar espaço tanto para as questões da agenda do dia, como a política

fiscal e a estabilidade da dívida pública, quanto para a agenda de longo prazo, que, na minha opinião, precisa ocupar mais espaço também no debate público.